



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa Esporte Espetacular, da TV Globo**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 04 de junho de 2010**

**Jornalista:** Você que se liga no Esporte Espetacular, muito bom dia. Hoje nós falamos aqui do Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, eu e Tiago Leifert. Tudo bem, Tiago? Bom dia.

**Jornalista:** Bom dia a todos. Bom dia, Luís.

**Jornalista:** Vamos ter a honra de entrevistar o senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aqui no nosso programa deste domingo. Como vai, Presidente? Bom dia.

**Presidente:** Tudo bem, Luís Roberto.

**Jornalista:** Tudo bem. Tudo sob controle, Presidente?

**Presidente:** Tudo bem, querido.

**Jornalista:** É bom falar de esporte?

**Presidente:** Eu prefiro. Eu acho que é bom porque, normalmente, as pessoas só veem o Presidente falando de política, de economia, de relações internacionais, de comércio, e é importante as pessoas saberem que o Presidente gosta de futebol, que o Presidente gosta de esporte, que o Presidente torce para a Seleção brasileira como qualquer brasileiro, e com um certo fanatismo, na expectativa de sermos campeões do mundo mais uma vez.



**Jornalista:** E pessoalmente, para o Presidente da República, então, falar de esporte esta semana está sendo também um momento de descanso, de relaxamento?

**Presidente:** Olha, eu acho que é o momento de a gente dar os palpites da gente, porque no Brasil é o seguinte: no Brasil, todos nós, os 190 milhões de brasileiros, nos achamos entendidos em futebol, ou seja, todo mundo é um pouco técnico, não é? Tem coisa que os brasileiros... que nós somos: técnicos e médicos. Você está em um lugar, um cidadão está reclamando de uma dor, você já fala: toma tal remédio. Não é isso? E em futebol é a mesma coisa: todo mundo entende de tudo. Então, eu estou aqui para dar os meus palpites.

**Jornalista:** Então, antes de a gente falar do presente, da Copa de 2010, vamos falar do futuro, começar com a parte mais densa e uma preocupação, acho que de todos os brasileiros, Presidente: Copa de 2014. Diariamente, no noticiário, a gente vê a Fifa falando que o Brasil está atrasado, que as obras estão atrasadas. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

**Presidente:** Olha, primeiro, eu tenho conversado muito com o Ministro do Esporte, tenho conversado com os governadores, tenho conversado com o Presidente da, da, da...

**Jornalista:** CBF?

**Presidente:** ...da CBF. Veja, nós estamos dentro da programação que estava estabelecida. Colocamos dinheiro à disposição dos governadores para financiar [em] até [R\$] 400 milhões os estádios, ou seja, 75% do financiamento será o governo federal, através do BNDES, que vai fazer. Nós temos



investimentos na área de transporte público, de [R\$] 11 bilhões, já prevendo a Copa do Mundo; temos mais [R\$] 5,7 bilhões colocados à disposição para os aeroportos. Já fiz dois decretos colocando... para ter transparência total os [nos] investimentos que a gente vai fazer para a Copa e para as Olimpíadas. Na verdade, veja, na verdade, as pessoas ficam inquietas como se o Brasil fosse um país que não conhecesse futebol, o Brasil fosse um país que não tivesse condições de fazer uma Copa do Mundo. Em [19]50 nós já fizemos uma Copa do Mundo. O Brasil, hoje, está muito mais preparado, tem muito mais condições de fazer uma Copa do Mundo exemplar. Não adianta ficar olhando a Alemanha, não adianta ficar olhando... Temos que olhar o Brasil. Nós vamos fazer a Copa do Mundo com a cara do Brasil, os estádios com a cara do Brasil, e obviamente que nós sabemos o que representa para o Brasil a Copa do Mundo aqui, em 2014, e o que representam as Olimpíadas. E nós sabemos também que, como um animal, a primeira imagem que fica para quem vier aqui é o tratamento que ele receber no aeroporto, é o ... como é que ele vai se locomover até o estádio, é o tratamento que ele vai receber no estádio. E não tem ninguém no mundo que saiba tratar as pessoas com mais cordialidade do que o povo brasileiro. Portanto, você esteja certo, Tiago, que nós estamos preparados. Já conversamos com todos os governadores. Aliás, até o Tribunal de Contas já fez uma reunião com os governadores para que a gente possa estabelecer uma certa normatização para que as obras da Copa do Mundo não atrasem.

**Jornalista:** Presidente, obras de infraestrutura, por exemplo, malha viária das cidades, hospitais, etc, elas preocupam mais que os estádios propriamente ditos?

**Presidente:** Veja o que nós fizemos: nós construímos um pacto federativo, porque eu não quero repetir o que aconteceu nos Jogos Pan-Americanos, em



que você tinha uma quantia em dinheiro que era da responsabilidade do governo federal, depois a coisa não aconteceu no estado e na prefeitura, e foi sobrando dívida para o governo federal, foi sobrando dívida para o governo federal, e nós arcamos com quase tudo dos Jogos Pan-Americanos. Eu não quero isso. Então, eu quero o seguinte: o que cabe ao prefeito, o que cabe ao governador, o que cabe à iniciativa privada e o que cabe ao governo federal, para todo mundo saber, durante todo o tempo que falta até chegar a Copa do Mundo, quem vai fazer o quê. Se a gente fizer isso, pode ficar certo de que nós vamos ter os hospitais necessários, vamos ter os estádios necessários, e esperamos que tenhamos uma Seleção apta para não passar o vexame de [19]50, quando nós perdemos dentro de casa.

**Jornalista:** Dentro de casa. O que o senhor acha do Jérôme Valcke, o secretário-geral da Fifa? O senhor acha que ele está pegando pesado ou o senhor acha que ele está fazendo o trabalho dele direito?

**Presidente:** Eu acho que ele está fazendo o papel dele, ele está fazendo o papel dele, defendendo a bola da Fifa, criticando. É o papel dele, o papel de quem está cobrando as coisas para que as coisas aconteçam. Agora, nós temos o tempo nosso, essas pessoas têm que saber que este país tem... este país tem Congresso Nacional, este país tem Ministério Público, este país tem Tribunal de Contas, este país tem Câmara de Vereadores, este país... Aqui as coisas agem com democracia bastante exercitada por todos nós, mas eu acho que ele está no papel dele. É importante que ele esteja sempre cobrando, porque se ele também não cobra, as pessoas acham que estão fazendo tudo certo e, daqui a pouco, não estão. Então, eu acho que cobrança nunca é demais.

**Jornalista:** E a fiscalização, Presidente... porque no esporte, às vezes, parece



até que a exposição aumenta, e se fala muito na fiscalização. Evidentemente que todos nós, enquanto cidadãos, gostaríamos que a fiscalização fosse de uma forma adequada, correta e que o dinheiro fosse usado adequadamente. O senhor está tranquilo com esse processo, com esses mecanismos que envolvem os prazos e a fiscalização do dinheiro a ser utilizado na Copa do Mundo?

**Presidente:** Deixa eu te falar uma coisa. Eu fiz dois decretos incluindo todas as obras das Olimpíadas e da Copa no Portal da Transparência. Quem quiser acompanhar cada centavo, é só entrar no site da Controladoria-Geral da República [Controladoria-Geral da União], que vai ter lá as coisas. O que nós queremos é que as pessoas acompanhem, não apenas a execução dos recursos, mas que as pessoas acompanhem também a qualidade das coisas que nós precisamos fazer. Muitas vezes, no Brasil, a gente pensa apenas no preço, e nem tudo o que é mais barato é melhor. Às vezes o barato fica caro. Eu lembro que eu ouvia a minha mãe dizer: “O barato fica caro”. Você pensa que uma coisa é barata, daqui a pouco você tem que fazer outra vez, porque o preço foi um preço que não permitiu fazer de melhor qualidade. Então, eu acho que todo mundo tem que acompanhar. Acho que a imprensa tem que acompanhar, acho que o Tribunal de Contas tem que acompanhar, o governo tem que se autofiscalizar, porque eu acho que é um momento extraordinário de a gente mostrar o Brasil ao mundo de uma forma mais pura, com mais transparência, e eu acho que nós vamos fazer isso como ninguém fez.

**Jornalista:** Onde é que o senhor espera estar no dia da abertura da Copa de 2014, Presidente?

**Presidente:** Olha, eu... onde for a abertura. Não sei se ela vai ser em São Paulo, se ela vai ser no Rio de Janeiro, porque um dos dois estados vai fechar



e o outro vai abrir. Eu, sinceramente, espero estar com muita saúde, torcendo para a abertura da Copa do Mundo.

**Jornalista:** Então, vamos para 2016, Presidente. A gente viu uma cena raríssima, que é um chefe de Estado chorando na hora do anúncio da cidade-sede. A gente tem as imagens aqui, até para o senhor lembrar, está passando aqui no...

**Jornalista:** Nesse momento, deu uma tensão, hein, Presidente?

**Presidente:** Ah, foi um momento, foi um momento de... eu nunca tinha tido a sensação... nem o resultado eleitoral me deixou tão nervoso quanto esperar esse anúncio, porque o Rio já tinha perdido, acho que duas vezes.

**Jornalista:** Isso mesmo.

**Presidente:** Aqui no Brasil, de vez em quando, tem umas pessoas muito céticas, e diziam assim: “Ah, o Brasil não vai ganhar. O Brasil está disputando com Chicago, o Brasil está disputando com Madri, o Brasil está disputando com Tóquio, então não vai ganhar”. Algumas pessoas [diziam] que “o Brasil precisa cuidar da educação, em vez de fazer Olimpíadas, o Brasil...”, como se uma coisa atrapalhasse a outra. O Brasil precisa cuidar da educação e o Brasil precisa fazer Olimpíadas, as duas coisas. Esse momento, para mim... A primeira apresentação do Brasil, eu tenho que parabenizar as pessoas que trabalharam, o Nuzman, o Eduardo Paes, o Sérgio Cabral, o ministro Orlando e todos os que trabalharam, porque eu acho que pela primeira vez o Brasil agiu profissionalmente, ou seja, a apresentação do Brasil era impecável. Só para você ter ideia, Luís Roberto, eu liguei para a minha casa... Eu estou com a Marisa, casado, há 36 anos. A Marisa nunca chorou, em todas as emoções que



nós passamos em campanha, em derrotas e em vitórias. Quando eu liguei para casa, depois da apresentação do Brasil, que a Marisa atendeu o telefone, chorando, aí, eu quase... Eu, eu... Eu fiquei... Fiquei muito, muito nervoso, porque era uma coisa que vinha... O Obama chegou lá no dia, e eu fiquei pensando: Por que o Obama não ficou nos Estados Unidos? Por que veio para cá? Você fica sempre com aquela história: o peso dos americanos, o peso dos americanos... Mas, aí, a nossa apresentação era, era... Foi um momento mágico da minha vida. Quem estava lá, viveu; quem não viveu, vai torcer. Acho que todo mundo... O Pelé chorou, Nuzman, Sérgio Cabral chorou, porque foi uma coisa maravilhosa, foi um dos grandes espetáculos que eu tive na minha vida, de emoção, foi esse. O pessoal estava chorando já na fila de entrada, porque estavam lá os atletas, convidados nossos. Aquela menina que estava falando, aquela que foi falar... defender o Brasil, ela começou a falar, a cada vez que ela chorava, eu chorava do lado. Tinha outra, sentada do meu lado, que chorava, e eu chorava do lado.

**Jornalista:** (risos)

**Presidente:** Eu, sinceramente, vivi uma emoção, uma emoção gostosa.

**Jornalista:** O senhor... O senhor está acostumado com esse tipo de situação, pelas eleições. Só que eleições têm pesquisas. A gente sabe, mais ou menos, para onde as coisas estão indo. Isso aí não tem, não é? É um resultado totalmente inesperado.

**Presidente:** Totalmente inesperado. E aquele preconceito de “o Brasil é isso, o Brasil...”. Agora, é bem verdade que nós temos que ter em conta o seguinte: o Brasil vive um momento, eu diria, mágico, no exterior, hoje. Quem viaja ao exterior sabe que o Brasil nunca, nunca, em nenhum momento, teve 5% do



respeito que o Brasil tem hoje. Não é pela figura do Lula, não. Não é pelo que o governo faz, é pelo conjunto de coisas boas que estão acontecendo no Brasil. Veja, teve uma crise mundial gravíssima, o Brasil foi o país do mundo que menos sofreu essa crise. O Brasil está crescendo, todo mundo respeita a estabilidade econômica brasileira, todo mundo respeita o sistema financeiro brasileiro hoje, tido e havido como o que funciona melhor. Então o Brasil, hoje, tem uma gama de respeito internacional que valeu, porque nós não começamos a trabalhar na véspera, como o Obama fez. Eu mandei carta para todos os delegados, eu mandei carta para todos os presidentes, para todos os primeiros-ministros. O Celso Amorim conversava com cada chanceler. O Sérgio Cabral viajou, o prefeito viajou, o Nuzman viajou, o Havelange viajou. Na véspera da decisão eu fiz reuniões com 30 delegados, com 30 delegados. Tinha até um italiano que entrou na minha sala e começou a dar palpites, a falar mal do Brasil: “que o Brasil é isso, que o Brasil é aquilo”. Eu falei: se tem um delegado, se tem um delegado que vai decidir hoje, aqui, que não precisa nem perguntar se tem que votar no Brasil, é você, porque você é italiano, tem uma colônia de mais de 30 milhões de italianos no Brasil e descendentes e, portanto, já que Roma não está disputando, dê o prazer dos italianos assistir às Olimpíadas no Brasil.

**Jornalista:** O que ele falou para o senhor?

**Presidente:** Olha, eu não sei se ele votou. O dado concreto é que foi o primeiro a vir me abraçar, depois dos resultados.

**Jornalista:** Deve ter votado.

**Presidente:** Eu espero que a gente tenha conquistado o voto dele.





**Jornalista:** Presidente, qual o significado da conquista da realização dos Jogos Olímpicos, do ponto de vista mesmo da concretização dessa imagem do Brasil, por exemplo.

**Presidente:** Olhe, uma vez eu era candidato, acho que a governador de São Paulo, em [19]82, e um repórter me perguntou por que eu queria ser candidato. Eu dizia: porque eu quero provar que eu sou capaz de fazer o que eu reivindico. Então, a Olimpíada, ela é a oportunidade que o Brasil tem de provar ao mundo que nós somos um país maduro. O Brasil está entre as dez maiores economias do mundo, há muito tempo. O Brasil pode ser a quinta economia do mundo já em 2016, ou quem sabe, em 2017, 2018. Ora, então, o Brasil pode realizar uma Olimpíada que seja uma marca e que depois a gente consiga convencer a Fifa a levar uma Olimpíada para a África, porque ninguém disse que a Olimpíada tem que ser feita apenas nos países ricos. Ela tem que percorrer o mundo, como está percorrendo a Copa do Mundo. Então, era inexplicável que o Brasil não tivesse uma Olimpíada. Então, a conquista já foi uma coisa importante. Mas, mais importante é a gente provar que a gente tem competência de organizar uma Olimpíada com segurança, com tranquilidade, para as pessoas que vierem para cá passar umas férias assistindo as Olimpíadas, saiam daqui orgulhosas do que viram no Brasil. É a cara do Brasil, ou seja, é como se você tivesse que mandar, para um parente teu ou para uma pessoa que você gosta no exterior, uma coisa boa do Brasil, uma imagem, uma fotografia, você ia escolher a melhor. Então, o Brasil tem que produzir a melhor Olimpíada porque, se é em um país rico e não dá nada certo, ninguém critica. Mas se é em um país que não faz parte do time dos países ricos que fazem uma Olimpíada, se tem um errinho, todo mundo vai criticar. Então, nós temos responsabilidades e eu tenho certeza de que eu vou estar vivo e vou estar aí brigando para que essa Olimpíada seja inesquecível.



**Jornalista:** Para ganhar medalha, Presidente, como é que a gente pode desenvolver o esporte ainda mais no país?

**Presidente:** Olhe, eu já conversei com o Nuzman, já conversei com o governador Sérgio Cabral, o Ministro do Esporte está orientado, que nós precisamos fazer daqui para a frente... Veja, nós agora estamos numa época de eleição, não se discute muito. Mas nós temos seis anos, ainda temos seis anos... Uma criança que está com dez anos hoje, que mora em qualquer cidade brasileira, ela pode ser uma medalhista de ouro nas Olimpíadas, se a gente preparar. Então, nós temos que contratar os melhores técnicos que tiver, nós temos que, em todas as áreas... não tem que escolher um ou outro esporte, não. O Brasil precisa – nos bairros mais pobres, nos bairros de classe média – nesses próximos seis anos, transformar o país num canteiro de obras para a prática de esportes. É uma provocação. Já pedi para o Nuzman reunir todas as federações de todas as áreas esportivas e exigir um plano de metas de cada uma, porque, para a gente colocar dinheiro para desenvolver, nós temos que ter um plano de metas – o que cada um vai se comprometer a fazer –, porque o Brasil precisa ter muitas medalhas, e eu acho que nós temos potencial para isso.

**Jornalista:** O governo, o governo vai ajudar? O governo federal ajuda nisso, então?

**Presidente:** Ah, vai ajudar. Para nós, veja... eu acho que uma coisa tem que ficar claro: a responsabilidade maior não é do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro é um estado. A responsabilidade maior é do governo federal porque a cara do país está em jogo. Obviamente que o Rio de Janeiro tem uma importância muito grande, obviamente que os empresários têm uma importância muito grande, mas nós achamos que o governo federal tem que estar ali, junto com o



governo, junto com a prefeitura, trabalhando, fazendo o que precisar fazer.

**Jornalista:** E essa boa vontade é um sinal para a iniciativa privada, certo, Presidente?

**Presidente:** Lógico. No PAC, no PAC 2 nós já colocamos muitas obras, muitas obras, já pensando nas Olimpíadas. É uma coisa que tem que começar agora. Eu estou convencido de que nós vamos ter orgulho do Brasil, um pouco mais, depois das Olimpíadas.

**Jornalista:** O senhor acha que o esporte na escola pode ser um projeto com o dedo do poder público, no Brasil?

**Presidente:** Pode, pode. Veja, o que nós temos feito no esporte? Eu vou te dizer uma coisa que o Ministro do Esporte faz. Nós temos mais de 3 milhões, mais de 3 milhões de jovens que já... 3,6 milhões de crianças que participaram do programa Segundo Tempo. Foi quase R\$ 1 bilhão que nós investimos nesse período, para que as crianças pratiquem algum tipo de esporte: se estudam de manhã, pratiquem à tarde; se estudam à tarde, pratiquem de manhã. Nós estamos construindo, só para ter... Praça da Juventude... 140 Praças da Juventude nós estamos construindo, para que a gente tenha, nos bairros periféricos, possibilidade de as crianças praticarem esporte, e todo e qualquer tipo de esporte: de natação a judô, a basquete. Eu estou convencido de que nós precisamos transformar as Olimpíadas numa paixão nacional. Que cada prefeito assuma a responsabilidade, que cada diretor de escola assuma a responsabilidade, que cada governante... uma coisa de todos nós. Eu acho que nós vamos vencer e vamos fazer uma coisa belíssima.

**Jornalista:** Vamos mudar a chavinha para...



**Jornalista:** Deixa eu só fazer mais uma pergunta, ainda sobre a Olimpíada e o PAN?

**Jornalista:** Vá lá.

**Jornalista:** Presidente, na abertura dos Jogos Pan-Americanos o senhor talvez tenha vivido, assim, o momento mais desconfortável publicamente, com a questão da abertura dos Jogos, na cerimônia de abertura, e aquele ruído que ficou, para declarar abertos os Jogos. Como é que ficou isso, para o senhor?

**Presidente:** Olha, para mim ficou uma coisa esquisita, porque eu tinha acabado de entrar no estádio. Nós tivemos dificuldade de entrar no estádio, porque o povo não deixava eu e o governador andar. Era um momento importante do governo. A única explicação que eu posso dar para aquilo lá é que aquilo foi uma armação. Não me pergunte de quem, não me pergunte por que, mas aquilo foi uma armação, ou seja, não havia nenhuma razão para que aquilo tivesse acontecido. Agora, todos nós, que somos homens públicos, estamos sempre preparados, que isso pode acontecer em qualquer lugar. Agora, eu, sinceramente, deveria ter tido mais precaução, também, não é? Eu acho que nós fomos muito ingênuos de deixar a organização do estádio por conta de alguém que nós sabemos que fazia oposição ao governo. Mas, de qualquer forma, isso passou, isso não teve maiores problemas. É apenas o desconforto e o mal-estar de uma festa que ficou um pouco frustrada.

**Jornalista:** Vamos mudar, então, Tiago?

**Jornalista:** Muda a chavinha.



**Jornalista:** Vamos falar de bola rolando, então, é?

**Jornalista:** Vamos lá. Cadê a Jabulani? Presidente, o senhor vai estar na final da Copa de 2010, provavelmente, não é, porque é o próximo chefe de Estado, certo?

**Presidente:** Ahã, ahã.

**Jornalista:** Essa aqui é a Jabulani.

**Jornalista:** Essa é a Jabulani.

**Jornalista:** Que é a bola da final?

**Jornalista:** Essa a bola da final. A diferença é que ela é dourada nos gomos, não é? E está... Coitadinha, ela está com a autoestima super baixa, estão criticando muito a bola, o senhor deve ter visto. O que o senhor acha da bola?

**Presidente:** (incompreensível) aquele gol de falta que o Brasil marcou, a 139 quilômetros por hora...

**Jornalista:** A bola é maravilhosa, não é?

**Presidente:** A bola deve ser maravilhosa. Veja, primeiro, eu acho, eu acho normal. Você está apresentando um equipamento novo para jogar, é bem possível que os jogadores sintam, num primeiro momento, estranhando a bola, mas eles vão ficar treinando um monte de dias com esta redondinha aqui. Então, logo, logo, eles vão estar acostumados.



**Jornalista:** O senhor está sentindo alguma diferença, só de encostar nela?

**Presidente:** Não. Ela é bonita, hein?

**Jornalista:** É bonita, não é?

**Presidente:** É bonita. Você sabe que eu digo sempre que no meu tempo a gente jogava com bola de capotão. Então, aqui estavam as cordas, cada gomo tinha corda, você acabava de jogar – você é muito novo, você não sabe disso – , você acabava de jogar, você tinha que lavar a bola, pegar sebo de... gordura, pegar um pedaço de gordura, esquentar ele na frigideira e passar nos gomos, que era para deixar as cordas macias, senão elas trincavam.

**Jornalista:** Essa aí nem costura tinha...

**Jornalista:** A gente fazia a mesma coisa nas chuteiras, Tiago, também.

**Presidente:** Tiago, se você vir a chuteira com que o Pelé jogou em 1958, você vai perceber que essa meninada de hoje joga com uma luva no pé. Não, mas a bola é bonita, gente. Eu, sinceramente...

**Jornalista:** (incompreensível)

**Jornalista:** Está dando vontade de jogar?

**Presidente:** Você sabe que eu tenho muita bola em casa, não é? Eu tenho muita bola em casa, e eu fico lembrando que eu, até os 20 anos de idade, eu não consegui ter uma bola, porque o sonho de moleque é ter uma bola, e eu não consegui ter uma bola. Eu só fui ter uma bola quando eu comecei a



trabalhar, que eu pude comprar a “minha” bola, só aos 20 anos. Agora eu tenho um monte de bolas, e esta daqui, olha, eu vou contar... Eu espero que o Brasil faça muitos gols com esta douradinha aqui.

**Jornalista:** Presidente, uma curiosidade: o que o senhor falou no ouvido do Kaká, no ouvido do Luís Fabiano, quando eles vieram aqui, antes de embarcar para a África?

**Presidente:** É só incentivo a eles. Essa meninada, essa meninada... eles, possivelmente, eles não tenham noção do que eles representam no imaginário das pessoas mais humildes do país. Eles representam muito. Essa meninada está fora... Eles estão fora há muito tempo do Brasil. Alguns estão há oito anos, outros há nove, outros há dez. Eu achei importante o Dunga trazer eles para o Brasil antes de embarcarem, para não cometer o erro que nós cometemos em 2006, que na Europa estavam, na Europa ficaram, e... É importante, é importante que eles sintam um pouco do ar do Brasil, do... O Felipão me contou uma história, que eu não sei... O Felipão me disse que em 2002 ele pegou, da Rede Globo de Televisão, uma série de documentários de índios, de... e disse que antes do jogo ele apresentava para os jogadores, para dizer: “Olha, é para essa gente aí que vocês têm que jogar. É esse pessoal que precisa de vocês”. E é verdade, é verdade. Esses jogadores são todos famosos, todos têm uma vida garantida, todos ganharam muito dinheiro, isso é ótimo. Todos vieram de famílias pobres e tiveram uma ascensão na vida, isso eu acho extraordinário. Mas é importante lembrar que as pessoas mais humildes, que nunca vão ao estádio, às vezes, que... é que sofrem mais, as que estão nos cantos do Brasil, aí, torcendo. Vocês mostraram, muitas vezes, aldeias de índios, o pessoal vendo jogo. É para essa gente que eles têm que jogar e têm que colocar a alma. Eu acho que os nossos jogadores estão com essa vontade. Eu, sinceramente, sinto que eles estão com uma... com apetite



de ganhar. Eu acho que todos eles querem apagar 2006 da nossa memória.

**Jornalista:** Presidente, normalmente, o senhor presenteia os chefes de Estado com a camisa da Seleção brasileira, não é? Isso foi espontâneo ou é pelo simbolismo mesmo, de representar tudo isso (incompreensível).

**Presidente:** Não... Eu pedi para o Ricardo Teixeira que... Não tem cartão de visita maior para o Brasil do que a camisa da seleção brasileira.

**Jornalista:** Olha, lá, o senhor presenteando o Obama.

**Presidente:** Todo mundo conhece a camisa da Seleção brasileira, todo mundo conhece. É uma marca, é uma marca registrada deste país. Então, todo mundo, primeiro, adora ganhar uma camisa do Brasil e, depois, o Ricardo Teixeira me deu um monte autografadas. Então, agora, a cada reunião, eu... a cada reunião, eu... uma autografada. É uma coisa fantástica para os jogadores e para o Brasil, é uma imagem... Eu acho que já entreguei umas trinta camisas, e tem mais umas cinco ou seis para entregar, que eu vou entregando. É uma coisa bonita. Realmente, realmente a seleção brasileira é uma coisa... Em cada lugar que eu chego, as pessoas falam: “olha, nós somos torcedores do Brasil”, aqui... seja no Cazaquistão, seja no Uzbequistão, seja na Costa do Marfim, seja na América Central, as pessoas falam: “olha, se a gente não estiver na final, o nosso time é o Brasil”. E conhecem o jogador brasileiro, conhecem... é uma coisa maravilhosa. Então, eu tento fazer desse limão uma limonada.

**Jornalista:** O que o senhor acha do Dunga, como treinador?

**Presidente:** Olha, eu não gosto de fazer juízo de valor sobre as pessoas, mas eu acho que o Dunga tem pontos mais positivos do que o contrário, ou seja, se





you pegar a retrospectiva do Dunga na Seleção, ele ganhou muito mais do que outros técnicos famosos. Eu não me esqueço nunca da Copa América, na Venezuela, muita gente não quis ir. O Dunga convocou o time, foi lá, e ganhamos da Argentina de 3 X 1, na final. A Copa das Confederações, nós fomos lá e ganhamos. Então, eu acho que o Dunga tem... tem um fundo garantidor que lhe permite dirigir a Copa do Mundo. Se você for olhar os jogadores, você não tem aquela quantidade de superestrelas que você teve em 2006. Mas não são estrelas individuais que ganham o jogo. Às vezes, o coletivo, no futebol, importa muito, muito, muito.

**Jornalista:** Presidente, em 2006 o senhor disse que o Ronaldo estava acima do peso e tal, e este ano, não. É por uma constatação mesmo ou porque a polêmica de 2006 acabou sendo muito forte?

**Presidente:** Não, é porque... veja, eu não sei qual foi a... nem a pergunta que fizeram para mim. Mas, veja, quando um jogador está fora de forma, todo mundo vê.

**Jornalista:** Não adianta esconder, não é, Presidente?

**Presidente:** Eu não sou técnico, mas eu vejo jogo desde que eu tinha 10 anos de idade. Então, eu estou com 54 anos vendo jogo de futebol, a gente aprende alguma coisa. E você sente quando o jogador está bem, não está bem. É melhor você dizer: "Não estou legal, vou me preparar", do que você tentar fingir que está legal, se você não está legal. Eu acho que essa seleção chegou aí, me parece que chegou em ponto de bala, ou seja, você só tinha o Kaká que estava...

**Jornalista:** Machucado, não é?



**Presidente:** Meio machucado. Mas veja que engraçado: parte dos nossos jogadores chegaram até exageradamente preparados, que é o pessoal que joga, por exemplo, na Internazionale de Milão.

**Jornalista:** Estão só descansando, é verdade. Estão voando, estão no fim da temporada.

**Presidente:** Chegaram... Eles chegaram preparados quase para a final da Copa do Mundo, quando a Copa nem começou. Agora, eu penso que não tem segredo na Copa do Mundo. Se você pegar uma retrospectiva da Copa do Mundo, você vai ver o seguinte: o Brasil, a Alemanha e a Itália têm mais de 60% dos títulos, ou seja, nós temos, na verdade, nove... doze títulos entre esses três países. Depois você tem, entre a Argentina, dois; Uruguai, dois e Inglaterra e França, um cada um, você tem, entre outros quatro times, você tem apenas seis Copas do Mundo, ou seja, significa que esses três times têm probabilidades enormes. A probabilidade de o Brasil e a Itália, de o Brasil e a Alemanha estarem na final é muito grande. Depois, de estarem esses outros, também é grande. Eu fico imaginando onde é que tem espaço para uma zebra.

**Jornalista:** Então, onde está a zebra, não é?

**Presidente:** Quem seria a zebra? Olhe, a Espanha...

**Jornalista:** Será que a Espanha entra nesse quesito de zebra, pelo fato de não ter sido campeã, talvez, não é? Porque está jogando fino.

**Presidente:** É, mas nunca, mas nunca... mas não tem história de Copa do Mundo, não tem história. Uma coisa é disputar o Campeonato Europeu, a Copa



da Europa, outra coisa é disputar a Copa do Mundo. Eu, sinceramente, não vejo... O meu amigo Luis Zapatero, o primeiro-ministro, fala que “a Espanha tem o melhor time de futebol del mundo”. Eu, sinceramente, eu vi a Espanha jogar, não está... Tem jogadores bons, os melhores dela são todos brasileiros e argentinos. O México, eu vi o México com a Itália, o México está...

**Jornalista:** Ganhou, não é?

**Presidente:** Não, e o pior é que está jogando bem. Então, há pouca possibilidade de uma zebra. A zebra, ela pode acontecer muito mais para o lado de um time que tem possibilidade de ser campeão cair fora, como a França caiu em 2002,...

**Jornalista:** Em 2002, caiu na primeira fase, é.

**Presidente:** ...na primeira fase. Essa pode ser a zebra: é um time que a gente está pensando que vai chegar lá, cair fora.

**Jornalista:** Que não seja o nosso, não é, Presidente?

**Presidente:** Não, o nosso não, pelo amor de Deus.

**Jornalista:** É uma zebra ao contrário.

**Presidente:** É uma zebra ao contrário.

**Jornalista:** O senhor está otimista então, não é?

**Presidente:** Eu estou otimista. Eu estou otimista porque, veja, nós temos uma



boa defesa, e nós temos um ataque, que se não é o ataque que a gente pensava que tinha em 2006, nós temos um ataque que funciona. Ninguém pode dizer que o Luís Fabiano não é um artilheiro. Ele é artilheiro por onde ele passou. Eu acho que o Robinho está com cara de quem quer fazer desta Copa a Copa dele, aquilo que o Garrincha foi para o Brasil, em [19]62, no Chile, aquilo que o Pelé foi e o Didi foi em [19]58. Eu acho que o Robinho está com esse otimismo, eu acho que ele vai... E o time, o time está bom.

**Jornalista:** O senhor mudaria alguém nos 23?

**Presidente:** Não. Vamos ver o seguinte: vocês que são especialistas em futebol, quem faltou?

**Jornalista:** Na minha opinião, um substituto para o Kaká. Acho que o Luís deve concordar comigo.

**Jornalista:** É, eu concordo com você.

**Presidente:** Só que quem é o substituto do Kaká?

**Jornalista:** Talvez o Ganso.

**Jornalista:** O senhor acha que ele não estava pronto, Presidente, por exemplo?

**Presidente:** Eu acho. Esse é o dilema. Me diga uma coisa: a direção da Rede Globo chega para você e fala o seguinte: “Luís Roberto, escolha, dentre todo o grupo de jornalistas, os dez caras mais afiados para irem com você para a África do Sul cobrir a Copa do Mundo.”



**Jornalista:** Tem uns 200. É difícil escolher.

**Presidente:** Tem 200. Você vai escolher.

**Jornalista:** Não vai me decepcionar, hein, Luís?

**Presidente:** Não, não, você vai escolher dez. Vai ficar pelo menos 180 dizendo que você errou, que deveria ter levado alguém e não o Tiago, deveria ter levado... Vai ficar sempre alguém. A verdade é a seguinte, veja: eu fico olhando, assim, na televisão, eu fico vendo. Se a gente for (incompreensível) alguém que deveria ser convocado porque tem experiência, porque tem tarimba, porque está calejado, porque não tem que provar mais nada a ninguém, é o Ronaldinho Gaúcho. É um jogador que está... todo mundo sabe que ele é bom de bola. Bom, ele tem que provar para ele mesmo se ele quer jogar bola. Ele não tem que provar para o Dunga nem para mim. Ele tem que provar para ele.

**Jornalista:** Talvez fosse um nome que o senhor levasse, por exemplo.

**Presidente:** Ele, ele... Não, é o único nome que eu olho, assim: bom, quem é que não foi convocado, dessas pessoas, que poderia ser convocado? É ele.

**Jornalista:** A gente está vendo gols recentes dele, inclusive, não é?

**Presidente:** Não... Ele, ele, ele, na verdade, voltou a jogar bola, e ele sabe... eu conversei com ele lá em Milão, ele almoçou... Almoçou eu, o Kaká, ele, o Dida, o Berlusconi, e eu falei: Ronaldinho, depende de você, meu filho, essas coisas. Ou você volta a jogar bola... O Leonardo trabalhou muito ele, o



Leonardo tinha muita preocupação com o Ronaldinho, e ele voltou a jogar bem, voltou a jogar bem. Mas eu não sei, aí tem problema de relacionamento que a gente não discute, aquele negócio da Copa América, eu não sei. Mas eu acho que o Dunga levou quem tinha que levar. O Ganso, o Ganso promete. O Ganso promete ser um grande jogador, mas você viu que no último jogo com o Corinthians, o Corinthians anulou o Ganso.

**Jornalista:** Arrumou um jeitinho de dar uma espetada no Coringão.

**Presidente:** Mas, de qualquer forma, eu acho que nós temos é que torcer para o time ganhar. O time está lá, não adianta agora...

**Jornalista:** Já foi, não é?

**Jornalista:** O time titular que o Dunga escala é o que o senhor escalaria, por exemplo?

**Presidente:** É.

**Jornalista:** É?

**Presidente:** Eu lembro que, em 2006, o último jogo com a França, que nós fomos desclassificados, o técnico colocou exatamente o time que todo mundo queria.

**Jornalista:** Verdade.

**Presidente:** E nós perdemos. Deixa eles trabalharem, eles conhecem, eles convivem lá. Quanto menos palpites a gente der, daqui, melhor para a



tranquilidade da Seleção.

**Jornalista:** Posso só tirar uma curiosidade com o Presidente?

**Jornalista:** Claro, Tiago.

**Jornalista:** Se o Dunga fosse um chefe de Estado, Presidente, como ele seria e qual chefe de Estado ele seria? Ele é uma Cristina Kirchner, ele é um Ahmadinejad, é um Barack Obama... Quem ele é?

**Presidente:** Eu acho que o Dunga seria o Dunga mesmo. O Dunga é engraçado, ele tem uma história de vida que a gente precisa lembrar, não é? Primeiro, ele é gaúcho. Gaúcho por si só já é uma instituição, depois, ele foi queimado muito novo. Na Copa de [19]90, o Dunga foi queimado naquela Copa como se fosse um dos responsáveis do [pelo] fracasso da “era Lazzaroni”. Em [19]94, ele dá a volta por cima, vira capitão da seleção, e o Brasil é campeão do mundo. Então, ele tem na vida pessoal dele uma história de vitória. Eu acho...

**Jornalista:** Ele é um Lula, então.

**Presidente:** Eu acho que o Dunga seria... Seria o Dunga, ele tem muita personalidade.

**Jornalista:** É verdade.

**Presidente:** Ele seria o Dunga. Muita gente fala: “O Dunga é grosseiro”. Ele é ele, ele é daquele jeito.



**Jornalista:** Presidente, o senhor vai para a final da Copa, afinal, tem uma “passagem de bastão” para o Brasil, próxima sede, não tem?

**Presidente:** Vou, vou. Mas eu tenho uma viagem muito longa, eu tenho uma viagem que eu começo... São cinco países antes de eu chegar no dia 8, à noite, a uma festa da Casa Brasil. Aí tem, no dia 09, a visita de chefe de Estado. No dia 10, eu descanso – se tiver a semifinal, vou até dar uma escapadinha para ir ao campo – vou levar um tapa... Vou levar um negócio para tapar os ouvidos para não ficar aquelas cornetas...

**Jornalista:** As vuvuzelas, não é, Presidente?

**Presidente:** Você sabe que, no primeiro jogo da Copa das Confederações, eu estava em casa, e eu saí do quarto e falei: ô, Marisa, tem um barulho de uma mosca varejeira aqui... Não é possível!

**Jornalista:** (risos)

**Presidente:** E fiquei procurando a tal da mosca varejeira.

**Jornalista:** Era a vuvuzela?

**Presidente:** Aí, quando eu chego, na televisão, eram as cornetinhas.

**Jornalista:** Presidente...

**Jornalista:** Nosso tempo está acabando, já, com o Presidente...

**Jornalista:** Eu sei, mas um pouquinho só, com o Presidente, aqui, a gente não





pode deixar de falar dessas outras duas paixões do Presidente, aqui – eu trouxe até as camisas, não é? – são duas...

**Jornalista:** Dois sofrimentos seguidos, mas, agora, está tudo bem, não é, Presidente?

**Jornalista:** Como é que o senhor consegue arrumar tempo para parar e assistir futebol na televisão, Presidente? Tem que botar na agenda?

**Presidente:** Não, não. Deixa eu te falar: primeiro que os jogos começam, quase todos...

**Jornalista:** No fim da noite.

**Presidente:** ...9h50 (21h50), e normalmente eu assisto... Se eu não assistir, eu assisto reprise que vem 11h (23h), 11h30 (23h30), meia-noite, 1h da manhã, eu vejo. Quando eu estou no exterior, nós colocamos o computador acoplado à televisão e eu assisto pela internet, ao vivo, aos jogos. Um dia desses, eu levantei às 3h da manhã para ver o Coringão jogar. Eu levantava para ver luta de boxe. Eu levantava para ver luta de boxe às 4h da manhã, 3h da manhã, 2h da manhã.

**Jornalista:** O senhor vai conseguir ver a Copa?

**Presidente:** E, às vezes, o Mike Tyson derrubava o cara em 30 segundos, eu falava...

**Jornalista:** Decepção, não é? Não acredito!



**Presidente:** Teve um lutador que foi lutar com o Mike Tyson, um desses que eram o futuro... Em 13 segundos o cara caiu, tomou uma bordoadada no meio da... caiu.

**Jornalista:** Aí, a gente acorda, vai lá, (incompreensível)

**Presidente:** E eu acordado lá para ver.

**Jornalista:** O Presidente vê a Copa, não?

**Presidente:** Hein?

**Jornalista:** Vê a Copa o Presidente? Dá para parar para ver a Copa?

**Presidente:** Não, nós vamos ver a Copa!

**Jornalista:** Dá para ver?

**Presidente:** Aqui é o seguinte: aqui, nós tomamos uma decisão de não liberar ninguém. Os jogos que forem às 11h30 da manhã, o pessoal vem aqui, trabalha até 11 h, 11h30 é hora do almoço, estica o almoço até 2h30 (14h30) e, depois, trabalha à tarde.

**Jornalista:** Normal.

**Presidente:** Quando o jogo for às 3h30 (15h30), vem aqui, trabalha o dia inteiro, até 3h (15h), 3h (15h) nós liberamos, vai embora para casa.

**Jornalista:** E o senhor consegue, então... Na hora em que o senhor está



assistindo esporte, talvez seja o momento em que o senhor consegue desligar um pouquinho dos problemas?

**Presidente:** Ah, tem duas coisas que... Eu fico muito nervoso, você sabe que eu fico, com a seleção brasileira e fico nervoso com o meu time, que é o seguinte: enquanto não sai um gol, é engraçado isso. Pode sair um gol para qualquer lado, mas enquanto não sair um gol, eu fico nervoso, muito nervoso, muito.

**Jornalista:** Presidente, Vasco ou Corinthians?

**Presidente:** Os dois.

**Jornalista:** Os dois, Presidente?

**Presidente:** Os dois.

**Jornalista:** Olha a camisa do Vasco aí.

**Presidente:** O Vasco, coitado, está numa fase meio...

**Jornalista:** É, o Corinthians é líder, não é, Presidente?

**Presidente:** Invicto. É, é importante lembrar que nós estamos invictos. Isso aqui, para o meu companheiro Franklin Martins morrer de inveja.

**Jornalista:** Presidente, nosso tempo já está acabando mesmo, os seus assessores já pedem para a gente encerrar, mas a gente tem mais uma última pergunta.



**Jornalista:** Não querem deixar a gente falar de futebol o dia inteiro com o Presidente.

**Jornalista:** É. Mais uma só. Termina o mandato do senhor agora, no fim do ano, o senhor pensa em um dia, talvez, ser presidente do Corinthians ou do Vasco?

**Presidente:** Não, não penso, não. Não penso. A única coisa que eu penso é o seguinte: é que quando eu deixar a Presidência, eu vou ter a liberdade de voltar a frequentar estádio de futebol como eu frequentava antes. É muito gostoso ser torcedor, estar participando, eu acho extraordinário isso. Eu, se pudesse, ia em tudo que é coisa esportiva que tem, porque, você disse bem, é um momento em que a gente não pensa em nada, ou seja, você está vendo o jogo ali, você fica com a cabeça... É ver futebol e ir pescar. Quando você está com o molinete ali, pode não ter peixe, mas você fica horas sem pensar em nada, o futebol a mesma coisa.

Então, eu faço disso até uma terapia para mim. Então, eu vejo meia-noite, 1h, para mim não tem hora. Se tiver... Às vezes eu acordo às 5h30 da manhã, perco o sono, para não ficar brigando com o travesseiro – porque não tem coisa pior do que você ficar brigando com o travesseiro –, eu vou e ligo a televisão.

**Jornalista:** Você sabe, não é, Tiago, que o Presidente, quando ele gravava o “Café com o Presidente”, ele ia, em cada gravação, com uma camisa diferente, não é isso, Presidente? Tem uma coleção de camisas também?

**Presidente:** Não, não, não. Não tenho. É que nós precisamos inovar para fazer as coisas acontecerem da melhor forma possível. Eu me sinto muito à vontade



falando de futebol. Nem todo mundo gosta, nem todo presidente gosta de falar de futebol. Alguns acham: “Bom, mas é... vou estar banalizando a Presidência”. Não tem nada que o povo brasileiro goste mais do que futebol, é uma paixão nacional. Eu tenho preocupação por conta disso, eu tenho preocupação com os clubes de futebol, porque eu fico imaginando o que seria do Rio de Janeiro sem Flamengo, sem Vasco, sem Fluminense, sem Botafogo; o que seria de São Paulo sem Palmeiras, sem Corinthians, sem Santos, sem Portuguesa. Eu fico imaginando o que seria o futebol brasileiro sem esses times. Então, eu tento trabalhar para fortalecer esses times, tento trabalhar porque essas pessoas fazem parte de uma paixão do povo brasileiro, e eu acho que nós precisamos, ainda, profissionalizar o futebol no Brasil. Isso vai acontecer com o tempo, com o crescimento econômico do país. Hoje está difícil a gente competir com os times europeus? Está difícil. Eu fico imaginando um menino desses, como o Neymar, ele já deve ter ganho mais dinheiro do que o Pelé ganhou a vida inteira sendo...

**Jornalista:** Jogador.

**Presidente:** ...o jogador do século. Mas é a vida! Hoje, um artista de novela da Globo, que faz uma novela, ele deve ganhar mais dinheiro no primeiro ano do que o Lima Duarte, em 40 anos. Por quê? Porque eles... são todos jovens, são convidados para festa, são convidados para apresentação, são convidados para um monte de coisa, que no nosso tempo não tinha. Então, eu acho que o Brasil hoje não produz mais o melhor futebol do mundo, o Brasil não é hoje o celeiro onde se joga o melhor futebol. O Brasil ainda produz grandes craques, mas quem quer ver o bom futebol hoje, vai ter que ver um jogo... o Campeonato Inglês, vai ter que ver o Campeonato Espanhol, vai ter que ver o Campeonato Alemão, o Campeonato Italiano, daqui a pouco ver o Campeonato Turco, porque é onde estão os grandes jogadores do mundo inteiro. É uma



mistura...

**Jornalista:** O senhor sonha em um dia a gente poder manter esses jogadores todos aqui?

**Presidente:** Ah, eu sonho, eu sonho, sonho que um dia a gente possa competir. Como é que um time pequeno da Espanha pode pagar a um jogador o que não pode pagar o Vasco ou o que não pode pagar o Corinthians? Então, o que nós precisamos é profissionalizar os nossos times, arrumar um jeito de melhorar a administração dos times, e a gente, então, poder ter o futebol produzido e exercitado aqui dentro do nosso país.

**Jornalista:** Tá legal.

**Jornalista:** Acabou o nosso tempo, não é, Tiago?

**Jornalista:** Só olhar para a câmera e falar, então, que... E, amanhã, dentro do Esporte Espetacular, uma entrevista exclusiva com o presidente Lula, para falar sobre esporte.

**Jornalista:** Olhar para a câmera e dizer o seguinte: “No próximo bloco, uma entrevista exclusiva com o presidente Lula falando de esporte”.

(\$31DHJLP)